

2023.1 . Ano XL . Número 45

# CALÍOPE

## Presença Clássica

*(separata 7)*



2023.1 . Ano XL . Número 45

# CALÍOPE

## Presença Clássica

ISSN 2447-875X

*(separata 7)*

EDITORES

Fábio Frohwein de Salles Moniz

Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas  
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES  
DECANO Afranio Gonçalves Barbosa

FACULDADE DE LETRAS  
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS  
COORDENADOR Rainer Guggenberger  
VICE-COORDENADOR Fábio Frohwein de Salles Moniz

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS  
CHEFE Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda  
SUBSTITUTO EVENTUAL Beatriz Cristina de Paoli Correia

EDITORES  
Fábio Frohwein de Salles Moniz  
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL  
Alice da Silva Cunha  
Ana Thereza Basílio Vieira  
Anderson de Araujo Martins Esteves  
Arlete José Mota  
Auto Lyra Teixeira  
Ricardo de Souza Nogueira  
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO  
Alfred Dunshirn (Universität Wien)  
David Konstan (New York University)  
Edith Hall (King's College London)  
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)  
Gabriele Cornelli (UNB)  
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)  
Isabella Tardin (Unicamp)  
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)  
Jean-Michel Carrié (EHIES)  
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)  
Martín Dinter (King's College London)  
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autónoma de México)  
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)  
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA  
Pintura no Palácio de Cnosso, Creta. Foto: Rainer Guggenberger.

EDITORAÇÃO  
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Rainer Guggenberger

REVISOR DO NÚMERO 45  
Fábio Frohwein de Salles Moniz

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ  
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ  
[www.lettras.ufrj.br/pgclassicas](http://www.lettras.ufrj.br/pgclassicas) – [pgclassicas@lettras.ufrj.br](mailto:pgclassicas@lettras.ufrj.br)

## Considerações acerca dos epítetos de Perséfone e Hécate na poesia grega arcaica

Thais Rocha Carvalho

### RESUMO

O uso de epítetos na literatura antiga, marcadamente oral, tinha como objetivo caracterizar os personagens, às vezes de forma tão singular que bastava a menção do epíteto para evocar à mente da audiência o personagem em questão. Para figuras divinas, epítetos servem também para reconhecermos as áreas de atuação e as atribuições de determinado deus ou deusa. Assim, o objetivo deste artigo foi analisar os epítetos atribuídos às deusas Perséfone e Hécate no *corpus* da poesia grega do período arcaico.

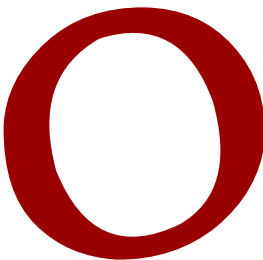
### PALAVRAS-CHAVE

Epítetos; Poesia grega arcaica; Perséfone; Hécate.

SUBMISSÃO 6.7.2023 | APROVAÇÃO 15.3.2024 | PUBLICAÇÃO 17.3.2024

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i45.59556>

## 1 INTRODUÇÃO



primeiro registro da palavra “epíteto” é encontrado na *Retórica* de Aristóteles; para o filósofo, contudo, como aponta Paolo Vivante,<sup>1</sup> epítetos são figuras de linguagem com valor de caracterização ampla, tendo como principal função ornar as ideias presentes em um texto. Por outro lado, do ponto de vista gramatical, os epítetos não são uma característica estilística, mas sim uma classe de palavras: são adjetivos que acompanham e caracterizam um substantivo. O primeiro uso da palavra “epíteto” empregada com esse sentido encontra-se em Dioniso Trácio (séc. I a.C.).<sup>2</sup>

A combinação substantivo-epíteto faz parte da dicção tradicional homérica, sendo um dos elementos mais tradicionais da dicção épica.<sup>3</sup> Nas palavras de Julia Gaisser:

O principal marco dessas combinações é a habitual associação das palavras em combinações familiares, de forma que, no caso de uma fórmula completamente desenvolvida, o uso de uma das palavras já traz à mente a outra, mesmo quando a combinação familiar não é metricamente apropriada.<sup>4</sup>

Os epítetos, ao se ligarem a nomes de objetos e de personagens (deuses ou mortais), ajudam a caracterizar seu referente, destacando suas principais habilidades ou características que os distinguem dos demais. Além disso, o uso de epítetos traz também uma qualidade imagética à narrativa, conferindo-lhe vivacidade nas descrições.<sup>5</sup> Nesse sentido, há unidade entre o substantivo e seu epíteto, chegando mesmo à mera menção de um já trazer à tona o outro: como é o caso quando os deuses são chamados apenas por seu epíteto, sem necessidade de dizer seu nome.<sup>6</sup> Em Homero, há, inclusive, epítetos utilizados para referenciar apenas um personagem específico.<sup>7</sup>

Vivante<sup>8</sup> argumenta que a repetição de epítetos para os mesmos referentes é responsável por criar a “textura da existência” do mundo narrado. Chamar Aquiles de “de pés velozes” traz imediatamente a vivacidade da figura do herói para a cena, além de

o destacar diante dos outros guerreiros como excepcionalmente ágil. Essas repetições ajudam a construir a caracterização do personagem e, quando há uso variado de epítetos para um mesmo personagem, auxiliam-nos a entender que aspecto o narrador está destacando ao fazê-lo. O uso e a escolha do epíteto são indicativos de como o poeta quer caracterizar determinada personagem.<sup>9</sup>

Portanto, analisar os epítetos que acompanham um personagem é analisar a caracterização que o poema lhe dá e sua função na narrativa. No caso das divindades, esse exercício nos ajuda também a entender suas áreas de atuação divina e suas τιμαί (*tímaí*; honras, atribuições).

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar os epítetos atribuídos às deusas Perséfone e Hécate na poesia grega do período arcaico (séc. VIII-V a.C.). Nesse *corpus*, há 25 menções a Perséfone em que seu nome se combina a um epíteto,<sup>10</sup> e cinco a Hécate. Nas 25 menções a Perséfone, há dez epítetos diferentes para a deusa, enquanto Hécate possui quatro. Os epítetos, bem como a referência de sua ocorrência, estão listados nos quadros 1 e 2, apresentados a seguir.

**Quadro 1:** Os epítetos de Perséfone na poesia do período arcaico.

epíteto	poemas
<i>epainé</i>	<i>Íliada</i> , IX, v. 457 e 569; <i>Odisseia</i> , X, v. 491, 534 e 564; <i>Odisseia</i> , XI, v. 47; <i>Teogonia</i> , v. 768
<i>agaué</i>	<i>Odisseia</i> , XI, v. 213, 226 e 635; <i>A descida de Períto ao Hades</i> , v. 12; <i>Hino homérico 2 a Deméter</i> , v. 348
<i>leukólenos</i>	<i>Teogonia</i> , v. 913
<i>tanúsfuros</i>	<i>Hino homérico 2 a Deméter</i> , v. 2 e 77; epinício 5 de Baquilides, v. 59
<i>bathuzónoio</i>	<i>Hino homérico 2 a Deméter</i> , v. 201 e 304
<i>euópida</i>	<i>Hino homérico 2 a Deméter</i> , v. 333
<i>agné</i>	<i>Hino homérico 2 a Deméter</i> , v. 337
<i>daífron</i>	<i>Hino homérico 2 a Deméter</i> , v. 359
<i>perífron</i>	<i>Hino homérico 2 a Deméter</i> , v. 370
<i>perikallé</i>	<i>Hino homérico 2 a Deméter</i> , v. 405 e 493; <i>Hino homérico 13 a Deméter</i> , v. 2

**Quadro 2:** Os epítetos de Hécate na poesia do período arcaico.

Epíteto	Poemas
<i>atalá fronéousa</i>	<i>Hino homérico 2 a Deméter</i> , v. 24
<i>liparokrédemnos</i>	<i>Hino homérico 2 a Deméter</i> , v. 25 e 438
<i>daidofóre</i>	Frag. 1, <i>Hinos</i> de Baquilides
<i>foivikópeza</i>	<i>Peã 2</i> de Píndaro, v. 77

## 2 OS EPÍTETOS DE PERSÉFONE

Dentre os epítetos de Perséfone, dois se destacam: *epainé* e *agaué*, sendo os mais utilizados para se referir à deusa, 7 e 5 vezes, respectivamente. O primeiro é o único de Perséfone na *Ilíada* e é recorrente na *Odisseia* e também na *Teogonia*. É interessante notar, nesse último poema, que Perséfone é mencionada apenas duas vezes, em suas duas caracterizações primordiais: filha de Deméter e esposa de Hades. Seguem os dois trechos da *Teogonia* em que a deusa é mencionada:<sup>11</sup>

ἐνθα θεοῦ χθονίου πρόσθεν δόμοι ἤχηεντες κρημῶν  
τ' Αἰδῶν καὶ ἐπαινῆς Περσεφονείης  
ἐστᾶσιν, δεινὸς δὲ κύων προπάρῳθε φυλάσσει,  
νηλεῆς, τέχνην δὲ κακὴν ἔχει· ἐς μὲν ἰόντας

σαίνει ὁμῶς οὐρῆ τε καὶ οὐσίαν ἀμφοτέροισιν,  
ἐξελεῖθ' ὅτ' οὐκ αἴψας ἔτι πάλιν, ἀλλὰ δοκεύων  
ἔσθθαι, ὄν κε λάβῃσι πυλέων ἔκτασθ' ἰόντα.

Ali adiante, o palácio soante do deus ctônico,  
do vigoroso Hades, e da **pavorosa Perséfone**  
ergue-se, e diante dele o terrível cão vigia,  
impiedoso, mantendo-o com habilidade e maldade;

[adentrando-o,  
abana igualmente o rabo e ambas as orelhas,  
e não permite que saia de novo, mas, espreitando,  
devora a quem agama do lado de fora dos portões.

(*Teog.*, v. 767-773)

αὐτὰρ ὁ Δήμητρος πολυκόρβης ἐς λέχος ἦλθεν·  
ἧ τέκε Περσεφόνην λευκώλενον, ἣν Αἰδωνεὺς  
ἤρπασεν ἥς παρὰ μητρός, ἔδωκε δὲ μητέρα Ζεὺς.

Então, se dirigiu ao leito de Deméter abundante,  
que pariu **Perséfone de brancos braços**, que Aidoneu  
raptou da mãe, com o consentimento do astuto Zeus.

(*Teog.*, v. 912-914)

Como esposa de Hades, ela é *epainé*, ou seja, a terrível Perséfone cujas atribuições foram listadas por Hades no *Hino homérico a Deméter* (v. 360-369). Como filha de Deméter, no entanto, é *leukólenos* (“de brancos braços”). Conclui-se que, na condição de menina, o importante é ressaltar sua beleza, mas, em sua condição de esposa de Hades e rainha do submundo, suas *timai* importam mais.

Como veremos, essa mesma lógica parece se manter no *Hino homérico a Deméter* – ou seja, enquanto Perséfone, as atribuições da deusa são destacadas, mas, como *coré*, sua beleza é mais importante. Isso parece se provar também em Homero.

Na *Ilíada* e na *Odisseia*, Perséfone é sempre mencionada como a rainha do mundo dos mortos, e nunca em sua associação com sua mãe, o que se mostra também em seus epítetos, já que é chamada apenas de *epainé* e *agaué*.

Na *Ilíada*, o nome de Perséfone aparece apenas duas vezes (canto IX, v. 457 e 569) e ambas relacionadas à invocação dos terríveis deuses do mundo inferior durante a narrativa sobre o herói Meleagro. Já na *Odisseia*, é mencionada nos cantos X e XI, durante o episódio comumente chamado de *Nekyia*, em que Odisseu invoca os mortos de acordo com as instruções da deusa Circe. Enquanto ela explica o que Odisseu deve fazer (canto X, v. 487-534), e depois, enquanto o herói repassa as informações a seus companheiros (v. 561-565) e continua sua narrativa de como chegarão lá (canto XI, v. 44-47), Perséfone é chamada de *epainé*. Porém, assim que o ritual de fato é feito e os espíritos dos mortos começam a aparecer, não é mais por esse epíteto que a deusa é referida. Odisseu, durante a conversa com o espírito de sua mãe (canto XI, v. 210-229), refere-se à deusa pelo epíteto *agaué* (“ilustre, nobre”).

Se *epainé* é o epíteto que melhor resume Perséfone em sua condição de rainha do mundo dos mortos, por que, então, ao entrar em contato com esse mundo e conversar com os mortos, muda-se sua caracterização? Parece-me que estamos lidando, aqui, com uma questão de reverência e respeito à deusa. Ao adentrar seu domínio, Odisseu troca de epíteto, preferindo destacar a proeminência e a importância da deusa no lugar do medo que ela inspira aos vivos.

É interessante notar que os outros usos de *agaué* na poesia arcaica, nos poemas *A descida de Períto ao Hades* (v. 12) e *Hino homérico a Deméter* (v. 348), também ocorrem quando os envolvidos estão em pleno mundo dos mortos. No primeiro, é Teseu quem a denomina assim, estando ele e Períto conversando



com o espírito de Meleagro em seu processo de descida ao Hades.<sup>12</sup>

διογενής [Μελ]εάγ[ρο] δαίμωνος Οίνεος υἱέ,  
τοῖα γάρ ἐγώ τοι παῖτα μῶλ' ἀτρεκέως καταλέξω.  
.....ἐνωεῦθε[...]. **ἀγαιὴν Φερσεφόνειαν**

“divi]no [Mel]eag[ro], filho do [pr]udente Eneu,  
[eu, então,] iss[o] [m]uito francamente [te] recontarei.  
[...] **ilustre Perséfone**  
(*A descida de Períto ao Hades*, v. 10-12)

No *Hino*, o epíteto é utilizado por Hermes ao dirigir-se a Hades e demandar que Perséfone volte para o lado da mãe.<sup>13</sup>

ἀγχοῦδ' ἰστάμενος προσέφη κρατύς Ἀργειφόντης  
ἴδη κίανοχαίτα, καταφθιμένοισιν ἀνάσσειν  
Ζεὺς μεταπήνην γεν **ἀγαιή** Περσεφόνειαν  
ἐξαγαγεῖν Ἐρέβουσι μετὰ σφέας, ὄφρα ἔ μήτηρ

O poderoso Argifonte, parando a seu lado, a ele se dirigir:  
“Hades de escuros cabelos, rei dos que pereceram,  
Zeus pai me ordenou que a **ilustre Perséfone**  
conduzisse do Érebo à luz, para que sua mãe,  
(*HH*, v. 346-349)

No mundo “de cima”, Perséfone é terrível, pois a morte é o maior medo de qualquer mortal. No entanto, estando no ambiente que lhe é próprio, ela é ilustre, justamente por ser a rainha.

A mesma conclusão pode ser tirada para o uso de *agné*, cujo significado é bastante próximo ao de *agaué*, no v. 337 do *Hino homérico a Deméter*. O epíteto é utilizado pela voz narrativa ao descrever a ordem de Zeus a Hermes de descer ao Hades e buscar Perséfone.

Αὐτὰρ ἐπεὶ τὸ γ' ἄκουσε βαρύκυτος εὐρύσπη Ζεὺς  
ἔς Ἐρέβος πέμπε χρυσοόρατιν Ἀργειφόντην,  
ὄφρ' Ἀΐδην μολικαῖσι παρακείμενος ἐπέεσσιν  
**ἀγνήν Περσεφόνειαν** ὑπὸ ζῆφου ἠρόεντος  
ἔς φάος ἐξαγάγοι μετὰ δαίμονας, ὄφρα ἔ μήτηρ  
ὀφθαλμοῖσιν ἰδοῦσα μεταλήξει χόλοιο.

Depois de ouvir isso, Zeus alisssonante de amplos olhos  
ao Érebo enviou o Argifonte de bastão dourado  
para que com suaves palavras exortasse Hades a  
conduzir a **nobre Perséfone** da treva nevoenta  
para a luz às divindades, a fim de que sua mãe,  
vendo-a com seus olhos, findasse sua cólera.  
(*HH*, v. 334-339)

Quanto aos epítetos que descrevem características físicas – *leukólenos* (“de brancos braços”), *tanúsfuros* (“de finos tornozelos”), *bathuzónio* (“de funda cintura”) e *euópidia* (“de belos olhos”) –, com exceção do epinício 5 de Baquilides, ocorrem sempre quando Perséfone está sendo caracterizada como *coré*.

Na *Teogonia*, *leukólenos* aparece ao lado do nome da deusa, porém, durante a descrição de seu rapto, ou seja, antes de ela se tornar a rainha do mundo inferior. Já no *Hino homérico a Deméter*, esses epítetos não são vinculados ao nome da deusa, mas sim à palavra “filha” em suas variações no grego (*thugatér*, *paída*, *koré*), colocando-a, portanto, em função da mãe. No epinício 5 (v. 59), a única exceção, Perséfone é *tanúsfuros*, apesar da condição de esposa de Hades:<sup>14</sup>

τ[αγάρ π]ισ' ἐρειπιτύλαν  
παῖδ' ἀνίκ]ατον λέγουσιν  
δύναϊ Διὸς] ἀργικεραύ-  
νου δῶματα **Φερσεφόνης τανισφύρου**,  
καρχαρόδοντα κύν' ἄ-  
ξοντ' ἐς φάος ἐξ Αἴδα,  
υἷὸν ἀπλάται' Ἐχιδνας  
ἐνθα δυσάντων βροσῶν  
ψυχὰς ἐδάη παρὰ Κικλυτοῦ ῥέεθροις,  
οἳά τε φύλλ' ἄνεμος  
ἴδως ἀνά μηλοβότους  
πρώνας ἀργηστάς δονεῖ.

A[ssim], disseram que uma vez  
o destruidor de portões, [filho inven]ível  
[de Zeus] lança-raio, desceu  
ao palácio de **Perséfone de finos tomozelos**,  
a fim de levar o cão de dentes afiados  
do Hades para a luz,  
o filho da monstruosa Equidna.  
Lá, de desafortunados mortais  
os espíritos ele percebeu, à margem do rio Cócito,  
tais quais folhas pelo vento,  
no alto dos pastos  
dos picos brilhantes do Ida, agitadas.  
(epinício 5, v. 56-67)

O último epíteto dado a Perséfone no *Hino homérico a Deméter* é *perikallé* (“belíssima”). No v. 405, é assim chamada ao começar sua narrativa do rapto e depois novamente no v. 493, quando o poeta encerra suas homenagens às deusas cantadas no Hino. Perséfone já está, portanto, casada com Hades, mas está de volta ao mundo dos vivos, onde seus poderes são diferentes de quando está no submundo. Mais uma vez na companhia de sua mãe, portanto, sua beleza volta a ser algo destacável, muito embora ela não seja mais uma menina.

Τήνδ' αὖ **Περσεφόνη** **περικαλλής** ἀντίον ἕδα:  
τογάρ ἐγώ τοι μήτηρ ἐρέω νημερτέα πάντα:

A **belíssima Perséfone**, então, disse-lhe, encarando-a:  
“Eu, de agora em diante, contar-te-ei tudo mãe, verazmente.  
(HHD, v. 404-405)

πτόνια, ἀγλαόδωρ' ὠρηφόρε Διῶϊ ἄνασσα  
αὐτῇ καὶ κόρη **περικαλλῆς Περσεφόνεια**

soberana, rainha doadora de frutos e concedente das  
[estações,  
Déo,  
e sua filha, a belíssima Perséfone,  
(HHD, v. 492-493)

O epíteto é utilizado também no *Hino homérico 13 a Deméter*, pequeno poema de três versos, cuja linguagem conversa de perto com a do *Hino* maior, exaltando Deméter e Perséfone e anunciando um novo canto.<sup>15</sup>

Δημήτηρ ἠύκομονσεμνήθεσάνῤαρχομ' ἀείδειν,  
αὐτῆγκαικούρη, **περικαλλέεισερσεφόνοιαν**.  
χαίρε, θεά, καίτηδεσάουπόλιν, ἄρχε δ' αἰοῖδης.

Deméter de belos cabelos, deusa veneranda, começo a  
cantar, e sua filha, a **belíssima Perséfone**.  
Alegra-te, deusa! Desta cidade sê salvadora, e lidera  
[o canto.

Por fim, há dois epítetos utilizados apenas no *Hino homérico a Deméter*: *daífron* e *perífron*. Semanticamente, os dois são bastante semelhantes, significando “prudente” ou “sensata”. De acordo com Nicholas Richardson,<sup>16</sup> *perífron* nunca é atribuído a uma deusa em Homero. Os epítetos são utilizados para descrever Perséfone antes e depois do discurso de Hades, em que ele descreve quais serão suas funções, caso escolha permanecer casada com ele (v. 360-369):

ἔρχεο Περσεφόνη παρὰ μητέρα κυανόπεπλον  
ἦπτον ἐν στήθεσσι μένος καὶ θυμὸν ἔχουσα,  
μηδέ τι δυσθύμαινε λίην περιώσιον ἄλλων.  
οὐ τοι ἐν ἀθανάτοισιν ἀεικῆς ἔσομαι ἀκοίτης

αὐτοκασιγνητός πατρός Διός· ἔνθα δ' ἐοῦσα  
δεσπόσσεις πάντων ὅπῃσά ζωῆ τε καὶ ἔρπει,  
τιμὸς δὲ στήθησθα μετ' ἀθανάτοισι μέγιστος,  
τῶν δ' ἀδικησάντων τίσις ἔσσεσθαι ἦματα πάντα  
οἳ κεν μὴ θυσίῃσι τεόν μένος ἰλάσκωνται  
εὐαγγέως ἔρδοντες ἐναίσιμα δῶρα τελοῦντες.

Vai, Perséfone, para junto de tua mãe de escuro peplo  
e em teu peito gentileza e força tendo,  
não te entristeças demais pelos outros.

Certamente não acharás vergonhoso ser esposa do  
[próprio irmão

de Zeus pai, dentre imortais; aqui estando  
governarás tudo quanto viva e se mova,  
e as maiores honras terás dentre imortais.  
Todos os dias retribuição haverá aos que te injusticarem  
e não apaziguarem tua ira com sacrifícios,  
puros se fazendo e te oferecendo dons ominosos.

(*HHH*, vv. 360-369)

Hades apela para o lado racional de Perséfone, pedindo para que desconsidere seus sentimentos e os de sua mãe e pense sobre as vantagens de permanecer casada com ele, como rainha do submundo. Assim, o poeta ressalta que ela pode agir com essa parcimônia ao caracterizá-la como sensata e prudente.

### 3 OS EPÍTETOS DE HÉCATE

Hécate, por sua vez, é caracterizada com apenas três epítetos ao longo da poesia arcaica: dois no *Hino homérico a*

*Deméter*, um no fragmento 1 de *Hinos* de Baquilídes e um no peã 2 de Píndaro.

No *Hino homérico*, na primeira aparição da deusa, ela é descrita como *atalá fronéousa* (“sempre prudente”), muito provavelmente por ela ser a única divindade a se manifestar em relação ao rapto de Perséfone e oferecer sua ajuda à desesperada Deméter. No verso seguinte, ela é chamada também de *liparokrédemnos* (“de véu brilhante”), epíteto que será usado novamente no v. 438.

οὐδέ τις ἄθανάτων οὐδὲ θνητῶν ἀνθρώπων  
ἤκουσεν φωνῆς, οὐδ’ ἀγλαόκαρποι ἑλαΐαι,  
εἰ μὴ Περσείου θυγάτηρ ἄταλά φρονέουσα  
ἄιενέξάντρου Ἑκάτηλιπαροκρήδεμνος,  
Ἡέλιός τε ἄναξ Ὑπερίωνος ἀγλαῶς υἱός,  
κούρης κεκλομένης πατέρα Κρονίδην·

Nenhum dos imortais nem dos homens mortais  
ouviu a voz, nem as frutíferas oliveiras,  
senão a delicada e **sempre prudente** filha de Perses,  
**Hécate de véu brilhante**, de sua caverna  
e o soberano Hélio, reluzente filho de Hiperônio,  
da menina clamando pelo pai Cronida.

(*HHH*, v. 22-27)

Douglas L. Cairns,<sup>17</sup> comparando o véu utilizado por Deméter no poema ao utilizado por Aquiles em diversas representações artísticas e literárias, diz:

[...] [o véu] também é um modo de demonstrar uma recusa de se envolver em interações sociais, constituindo-se em uma estratégia para destacar e retaliar contra a ofensa original e que, portanto, traz a mais próxima comparação com o fenômeno de afastamento como forma de registrar a raiva.

Embora esse não seja o caso de Hécate, já que nenhuma ofensa foi cometida contra ela, vale lembrar que a deusa, principalmente no início do referido poema, não apresenta *timáí* próprias e vivia afastada de todos os deuses, em uma caverna entre o Olimpo e o mundo dos mortos. Logo, ser caracterizada como portando um véu pode ser simbólico de seu isolamento. No v. 438, ela é novamente caracterizada com o epíteto, momentos antes de saudar Perséfone que acabara de retornar do mundo dos mortos, ocasião essa, portanto, em que a nova *timé* de Hécate será estabelecida: a de ajudante no movimento de descida e subida da nova rainha dos mortos.

ἴφην δ' ἀγύθεν ἤθε' Ἑκάτη λιποκρήδεμνος,  
πολλά δ' ἄφ' ἄμαράτηρε κόρη Δημήτερος ἀνής·

Então, delas se aproximou **Hécate de véu brilhante**  
e muito abraçou a menina de Deméter.

(*HHI*, v. 437-438)

Já no fragmento 1 de hinos de Baquilídes<sup>8</sup> (*Papiro de Oxirrinco* 2366. 3-8), o epíteto utilizado é *daidofoře* (v. 1):

Ἑκάτα [δαϊδοφόρε  
ταν ἰεῖρα  
Νυκτρός μεγαλοκόλλου θυγάτερ,  
σύ καί  
βα [

**Hécate [portadora de tochas**  
a sagrada (?)  
[filha de mui sinuosa] No[ite]  
tu [...]  
[...]

Muito provavelmente, o uso do epíteto está ligado ao mito do rapto de Perséfone e ao culto dos Mistérios de Elêusis, nos quais a tocha tem papel importante na busca pela deusa. Embora no *Hino homérico a Deméter* seja Deméter a figura caracterizada carregando tochas, o objeto foi muito associado à deusa Hécate na iconografia e estatuária. Aqui, no entanto, a deusa é também caracterizada como filha da deusa Nyx (noite), e não de Perses, como é dada sua genealogia na *Teogonia* de Hesíodo e no já mencionado *Hino homérico*. Provavelmente, temos aqui um anúncio da caracterização mais sombria de Hécate, que predominará a partir do período clássico.

Por fim, o último epíteto de Hécate é também o mais incomum, encontrado no peã 2 de Píndaro<sup>19</sup> (abaixo encontram-se os v. 73-79):

ἄλλ' ἀμιν ποταμῶν σχεδὸν μολόντα φύρσεν  
βαιοῖς σὺν ἔντεσι  
ποπὶ πολλῶν στρατῶν· ἐν δὲ μηνὸς  
πρώτον τύχεν ἄμαρ  
ἄγγελε δὲ **φονικότρεζα** λόγον παρθένος  
εὐμενῆς Ἑκάτα  
τὸν ἐθέλοντα γενέσθαι.

Mas quando o inimigo se aproximar do rio, ele o  
o confundirá com poucos braços  
contra grande exército." No primeiro do mês  
calhou de ser esse dia,  
e anunciava a profecia a virgem **depésavemelhadós**,  
**Hécate**, com benevolência,  
desejosa de seu cumprimento.

O poema é dedicado aos habitantes da cidade de Abdera. O poeta relembra a fama desse povo por terem resistido a uma invasão Trácia, retomando sua cidade mãe em 499 a.C. O peã fala de vitórias da cidade, uma derrota e depois da vitória na batalha do monte Melamfílon, justamente, a vitória prevista por Hécate nos v. 73-79.

Hécate aparece como uma espécie de profetisa, anunciando o dia de confronto entre os inimigos – o que até combinaria com sua representação do *Hino homérico*, já que lá ela habita uma caverna. As cavernas tinham características específicas na Grécia antiga: eram lugares limiares, morada do fantástico, de vida e de morte, às vezes até mesmo consideradas selvagens, onde a vida humana comum não poderia prosperar. Por esse motivo, eram também especialmente ligadas à arte divinatória.<sup>20</sup>

O epíteto *foinikópeza* (“de pés vermelhos”) reaparece em Píndaro, na olímpica 6 (v. 94), para caracterizar Deméter e provavelmente se refere ao ato de sujar os pés de terra ao andar sem sapatos. Não está muito claro, no entanto, porque Hécate estaria com os pés avermelhados pela terra – pode ser que ela os tenha sujado na terra próxima ao rio mencionado no v. 73.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como ressaltado na introdução deste artigo, analisar os epítetos de uma divindade é também analisar sua representação, suas funções e suas *tímaí*. No recorte da literatura do período arcaico, portanto, é possível notar que o uso de epítetos para as deusas Perséfone e Hécate refletem muito bem a caracterização de ambas enquanto personagens das obras literárias.

Os epítetos de Perséfone estão, em sua maioria,<sup>21</sup> ligados às *tímaí* da deusa e a seus dois principais definidores (Hades e Deméter). Como filha de Deméter (antes ou depois de casada), prevalecem os epítetos que destacam seus atributos físicos; como rainha do submundo e esposa de Hades, os epítetos são *epainé* e *agaué*, dependendo de onde se acha quem os profere – se no mundo dos vivos ou no mundo dos mortos. Essa dualidade é intrínseca à deusa pela literatura do período, ora sendo a jovem virgem, filha de Deméter, que brinca nas campinas; ora sendo a terrível esposa de Hades, que com ele governa os mortos.

Já para Hécate, mais uma vez se destaca seu aspecto multifacetado no período arcaico. A cada vez que nos deparamos com a deusa em um novo poema, uma nova Hécate nos é

apresentada, com atribuições e caracterização muito próprias: em Hesíodo, ela é mediadora e quase universal, nutriz e filha única; no *Hino homérico a Deméter*, ela é uma deusa sem *tímaí* própria, que vai adquiri-las ao mesmo tempo que Perséfone; no hino de Baquilides ela carrega a tocha dos mistérios e é dita filha da Noite; enquanto em Píndaro ela é virgem e profetisa. Em todas essas funções, por mais diversas que sejam, parece-me que se destaca o papel de Hécate como essencialmente mediadora – entre mortais e imortais, vivos e mortos, habitantes do mundo superior e inferior.

ABSTRACT

The use of epithets in ancient literature, remarkably oral in its nature, aimed to define the characters, sometimes in such a unique way that the mention of the epithet was enough to evoke the character in question to the audience's mind. For divine characters, epithets also serve to recognize the areas of activity and the attributions of a certain god or goddess. Thus, the aim of this article was to analyze the epithets attributed to the goddesses Persephone and Hekate in the corpus of Greek poetry from the archaic period.

KEYWORDS

Epithets; Archaic Greek poetry; Persephone; Hekate.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONNECHERE, P. Prairies et Jardins Grecs. De la Grèce de Platon à l'Angleterre d'Alexander Pope. In: DELRUELLE, E.; PIRENNE-DELFORGE, V. (orgs.). **Κέποι**: de la religion à la philosophie. Mélanges offert à André Motte. Nova edição (*online*). Liège: Presses Universitaires de Liège, 2001. p. 34-52.
- CAIRNS, D.L. Anger and the Veil in Ancient Greek Culture. **Greece & Rome**, vol. 48, n° 1, 2001, p. 18-32.
- CAMPBELL, D. (ed., trad.). **Greek Lyric IV**: Bacchylides, Corinna, and others. Cambridge: Harvard University Press, 1992.
- COHEN, A. Mythic Landscapes of Greece. In: WOODARD, R.D. (ed.). **The Cambridge Companion to Greek Mythology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. p. 305-330.
- GAISSER, J.H. Noun-Epithet Combinations in the Homeric Hymn to Demeter. **Transactions of the American Philological Association**, vol. 104, 1974, p. 113-137.
- HUMBERT, J. **Hymnes Homériques**. Paris: Belles Lettres, 1936.
- MERKELBACH, R.; WEST, M.L. **Fragmenta Hesiodica**. Oxford: Oxford University Press, 1967.
- RICHARDSON, N.J. (ed., coment.). **The Homeric Hymn to Demeter**. Oxford: Oxford University Press, 1974.
- RUTHERFORD, I. **Pindar's Paean**: a Reading of the Fragments with a Survey of the Genre. Oxford: Clarendon Press, 2001.
- SILVA, L.L. Epítetos: entre Homero e a apropriação da tragédia e comédia. **Revista Contexto**, n. 21, 2012, p. 39-60.
- VIVANTE, P. **The Epithets in Homer**: a Study in Poetic Values. New Haven; Londres: Yale University Press, 1982.
- WEST, M.L. (ed., coment.). **Hesiod**: Theogony. Oxford: Clarendon Press, 1966.

- <sup>1</sup> 1982, p. 151-152.
- <sup>2</sup> Idem, ibidem, p. 152.
- <sup>3</sup> GAISSER, 1974, p. 113-114; VIVANTE, 1982, p. 158, 174.
- <sup>4</sup> Gaisser, 1974, p. 114.
- <sup>5</sup> VIVANTE, 1982, p. 172-173.
- <sup>6</sup> Um exemplo é Poseidon no “Hino a Hécate”, na *Teogonia* de Hesíodo, em que o deus é mencionado apenas por seu epíteto “sacode-terra” (v. 441).
- <sup>7</sup> Vivante, 1982, p. 111.
- <sup>8</sup> Idem, ibidem, p. 47.
- <sup>9</sup> Silva, 2012, p. 40.
- <sup>10</sup> Nem sempre é de fato o nome que vem acompanhado do epíteto, mas um referente como “filha” (ligado a Deméter, no caso de Perséfone, e Perses ou Nyx, no caso de Hécate).
- <sup>11</sup> Texto grego estabelecido por WEST (1966). Tradução minha. Grifos adicionados.
- <sup>12</sup> Texto grego estabelecido por MERKELBACH e WEST (1967). Tradução minha. Grifos adicionados.
- <sup>13</sup> Texto grego estabelecido por RICHARDSON (1974). Tradução minha. Grifos adicionados. Todas as citações do *Hino homérico a Deméter* seguem a mesma edição e tradução.
- <sup>14</sup> Texto grego estabelecido por CAMPBELL (1992). Tradução minha. Grifos adicionados.
- <sup>15</sup> Texto grego estabelecido por HUMBERT (1936). Tradução minha. Grifos adicionados.
- <sup>16</sup> 1974, p. 275.
- <sup>17</sup> 2001, p. 21.
- <sup>18</sup> Texto grego estabelecido por CAMPBELL (1992). Tradução minha. Grifos adicionados.
- <sup>19</sup> Texto grego estabelecido por RUTHERFORD (2001). Tradução minha. Grifos adicionados.
- <sup>20</sup> BONNECHERE, 2001, p. 38; COHEN, 2007, p. 313-314.
- <sup>21</sup> Com apenas três exceções: o uso de *tanúsfuros* em Baquilides, e *perífron* e *daí fromo* do discurso de Hades no *HHD*.